

BRASEIRO – Depois que adquiri Batuque em 1980, tinha grande curiosidade em saber onde estavam seus genitores. O saudoso Antonino Dias Rosa, o Toninho Ferro Velho, me confidenciou: *"quem sabe é o Sr. Custódio de Sete Lagoas pra quem eu passei"*.

Assim que pude falei com ele e me disse: *"está em Divinópolis MG"*. Não me explicou direito quem estaria com o casal. Fiquei com aquilo na cabeça para quem sabe conseguir pegá-los. Então, cometi um contra senso, pedi ao Celso de BH, meu colega de BB e vendedor de sementes para averiguar e sondar quem era para que pudesse buscar os bichos.



Aí, o meu "mui amigo" fez o "grande favor" de levar o amigo Walter de Campo Grande MS para comprar o casal. Os dois foram para o MS, vendeu o pai do Batuque para a Itália e ficou com a Topetinha mãe. Foi uma luta de dois anos de idas e vindas para conseguir pegá-la.

Bem, daí algum tempo seria o primeiro torneio de Divinópolis valendo para o campeonato brasileiro FENAP, fui participar e levei o Brotero para entregar ao Carone por pura coincidência. Lá chegando, perguntei sobre quem reproduzia bicudos, procurando aqui e ali, até que um cabra me disse: *"tem o Pains, o Marico e um tal ZéMenina que tiram filhotes de bicudo"*. Me informei direito e o ZéMenina era o cara. Ele me explicou casal esteve comigo (confirmando) e que havia vendido o casal para o MS mas que havia tirado dois filhotes um bem pardinho e outro pintado que passara para um amigo e disponíveis. Quer dizer irmãos legítimos do Batuque.

Estavam os dois com um comerciante de roupas, fui lá sem dizer nada sobre parentesco e comprei os dois bicudinhos, o pintado, cantando e fogoso, uma brasa, por isso o nome adequado: **BRASEIRO**, o outro mais novinho do bico bem escuro seria o BlackOut que depois foi para o Carone, também espetacular bicudo. Assim que peguei os bichos veio o pensamento: *"estou perdendo o Brotero, o casal Batuque mas a recompensa estará aqui"*, outra premunição que se concretizou. Cheguei na noite de volta para Brasília e o **Braseiro** cantando na viagem de carro meio dos bicudos de

roda como se fosse da turma. Realmente diferenciado, só que não imaginava o quanto.

Veio a muda, ficou preto, bico rajado escuro, do canto bem bonito, um goiano liso com boa entonação e bela voz. Logo comecei a levá-lo aos treinos, o acasalei com a Paraguaia, ótima bicuda. Logo aprontou, no primeiro torneio que foi em Ituiutaba MG, se classificou entre os 15 primeiros, muito espantado com o manuseio das estacas mas deu para ver que seria um bom bicudo para roda.

Daí, para a frente só alegria, foi se soltando começando a cantar mais apumado, gradeando, estufando o peito e aos poucos dando o seu show particular. Suas performances foram melhorando cada vez mais, lembro-me de um torneio em Rondonópolis MT onde precisei quase me indispor com um senhor do Rio de Janeiro que queria porque queria comprá-lo, sua mulher ficou doida por ele. E assim era em todo lugar que ia, muito admirado, cobiçado.

No entanto, num torneio em Belo Horizonte, o coloquei na roda e assim que virei as costas alguém me disse: "*seu bicudo Braseiro está duro igual uma vela, já viste*". Estranhei: "*não pode, estás brincando*". Mas era verdade, pensei, mas o que será? Então, me lembrei a Paraguaia (sua fêmea) havia botado ontem no hotel, deve ser isso. E era. Interessante, ficou "choco, passou fêmea", percebeu que ela tinha botado e travou. Chegando em Brasília de volta, arrumei outra fêmea para ele. Ficou a lição, fêmea que bota não pode acompanhar bicudos de torneio de fibra, é muito perigoso e pode desacertá-lo na hora que mais precisar dele. Há inclusive o risco de ela "engastalhar" ovo e morrer.

Outro fato interessante: **Braseiro** ficava em casa no Lago Norte no quarto da empregada que gostava de ver televisão até tarde e naquele acende e apaga a luz, o que muito incomoda pássaros de competição. Então, resolvi mudar de local e colocá-lo num outro cômodo onde não seria molestado. Não gostou e seu rendimento caiu muito, tive que voltar atrás e deixá-lo continuar a assistir novelas na tv, rsss. Tive outra experiência, não se deve mudar pássaro acertado do ambiente que está acostumado.

Como sempre acontecem percalços, não foi diferente. Num torneio em Sobradinho DF, estava um frio danado e ele ficou logo na porta de entrada tomando aquele vento gelado. Na hora não percebi o mal que aquilo faria. No outro dia não escutei o canto dele. Fui ver, estava completamente rouco não saia a voz.

Foi mesmo que levar uma cacetada na cabeça, me penitenciei, me critiquei por não ter acudido e não ter tirado ele daquele local horrível. Em casa, imediatamente coloquei duas fêmeas frias a dez centímetros de cada lado de sua gaiola para travá-lo e não mexi mais com ele até fazer a muda, ficou quase um ano parado.

Na temporada seguinte, véspera do primeiro torneio chegou em minha casa o Silas Lino e José Luis de Deus de Cuiabá MT. Sabia que Silas, a pouco, havia passado o bicudo Manda Chuva para o Ernesto Scatena por uma fortuna. Estávamos almoçando quando, de repente, ele disse: "*vim aqui só por um motivo, quero o Braseiro, diga o que for que vou levar*". Relutei, expliquei a ele a questão da rouquidão, pedi alto mas ele estava determinado. Fechamos o negócio. No outro dia, o colocou na disputa ficou entre os primeiros, todavia percebi, na ocasião, que não cantava mais com toda a força, passou a cantar baixo e meio que na surdina, incrível.

Daí naquele ano apesar de uma disputa acirrada com o excelente Bicudo Pirin-Pirin, ganhou sete torneios quase todos na região do Brasil Central, e ainda por cima vinha de Cuiabá todo fim de semana. Todavia, me lembro também de um belo feito no Rio de Janeiro, ganhou um torneio fortíssimo conduzido pelo amigão Pedro Monteiro, o Pedrinho, uma façanha. Realmente uma trajetória espetacular, no ano de 1990.

Para fazer uma dupla campeã, havia pegado o Badauê um show de bicudo, contudo não deu certo. Foi nessa sequência até que Silas desanimou, talvez por outros problemas, sabemos lá o porquê. Resolveu, então, parar de mexer e passou o **Braseiro** definitivamente para Pedrinho de Brasília, que depois foi para o David, continuou ganhando torneios. Em 1992, foi para passado para um criador do Rio o qual não sabemos nome, até porque não gostaríamos de saber, pois segundo a informação que tivemos, foi a óbito por fome. Isso não se faz com ninguém, um final imerecido para grande campeão.

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista - Ribeirão Preto

Multiplicar para Conservar

www.lagopas.com.br

